José Cardoso Pires avisou que não era homem de teatro e que a sua peça era, sòmente, uma parada. Realmente, o que se viu no palco do Império, sob o título de «O Render dos Heróis», será mais ou menos espectacular (e para esse resultado haverá contribuído fortemente a encenação de Fernando Gusmão), mas não é uma peça de teatro. Desorganizada, sem estrutura dramática, presa por cartilagens flébeis ou mesmo caindo aos pedaços, titubeante nos processos, tartamuda ou cegamente despejada na linguagem, sem finura ou fundeza psicológica, sem expressivo recorte de caracteres, sem originalidade de tipos, sem criadora altura de símbolos, sem aliciante movimento dos diálogos, sem a grandeza intensa da exposição, sem a sangrenta agilidade ou a ardente truculência do cómico, sem o bafo comunicante da íntima sensibilidade, sem o jogo prodigioso da inteligência, sem o ímpeto másculo da terra e do instinto, sem a fundamentada e idealista imponência épica, sem inspiração redutora ou sabedoria condutora, a peça «O Render dos Heróis» desilude, nada traz de válido ao teatro português e está abaixo até da restante obra do autor. Não há Brechets, nem Junqueiros, nem Gil Vicentes que lhe valham. Trata-se de uma realização frouxa e titubeante, cozida de retalhos, ambiciosa e mal assimilada. A retórica (no mau sentido do termo) une-se a um modernismo de fachada, que é, apenas, falta de forma e resulta da falta de inspiração e de riqueza interior.

Nada disto tem a ver com um juízo sobre as ideologias que espadanam fartamente na obra. Condeno, indignadamente, as ideias que orientaram as peças dum Brecht, dum Sean O'Casey e essa genial, arrebatadora criação de Junqueiro, intitulada «A Pátria»; nunca neguei, porém, o autêntico dessas realizações. Mas aqui trata-se, inequivocamente, duma obra muito fraquinha...

Ficarei por aqui? A obra deve ser encarada, criticada naquilo que é. Se finjo ignorar algo que ela possui, mutilo-a, falseio-a, não sou crítico. Esta «O Render dos Heróis» tem ideias, posições éticas, propósitos ideológicos. O que dela resulta é a ridicularização (ou o ataque) da fé religiosa, do clero, do heroísmo, dos mitos criadores, da instituição familiar. Limito-me a registar; e a condenar, surpreendido, dolorosamente. Pergunto-me, apenas, porque não é possível, então, levar à cena ~~[illegible]~~ estupenda, dominadora obra-prima que se chama «A Pátria». Por ser patriótica e amar os santos, os sábios e os heróis?

A encenação buscou salvar o que fosse susceptível de emergir, dar conteúdo estético e emotivo onde ele escasseava, valorizar o que era seco e banal. Em muitos passos, conseguiu resultado muito apreciável. Dentro da direcção geral de Fernando Gusmão, louvem-se ainda as belas e apropriadas formas, em cenários e figurinos, que [illegible] controu.

Da representação, há que distinguir Ruy de Carvalho, múltiplo, modulado, convicto e convincente; Rogério Paulo, caxeto, intencional e sóbrio na sua composição; Ângela Ribeiro, cuja força e arrebatamento não precisou de esgares ou outras descomposturas; Armando Caldas, marcando pormenorizada, natural e caricaturalmente o seu «inglês»; e ainda a discreção senhoril de Carmen Dolores, e a bruteza de José Amaro, a justa colaboração de Fernando Gusmão. Condenem-se o exagero de Maria Cristina, a construção artificiosa de Carlos Cabral, a pouca perceptibilidade de Tomaz de Macedo. Registem-se as intervenções de Ruy Mendes, Moraes e Castro, Jaime Santos e Clara Rosa [illegible]

Crítica de Goulart Nogueira que a "Flama" considerou indigna de publicar-se.